

INFERENCIAMENTO E COMPREENSÃO DE TEXTOS

Délcio Barros da Silva

A Psicologia da Cognição e a Inteligência Artificial têm contribuído decisivamente para o desenvolvimento dos estudos sobre o discurso, em especial no que se refere a processos de compreensão e produção de textos. Enquanto a Psicologia tem como interesse precípua o uso e a aquisição do conhecimento, a Computação Eletrônica e a Informática (Inteligência Artificial) se preocupam com o problema fundamental da representação do conhecimento. Neste sentido, é vasta a literatura especializada que nos dá conta hoje dos estudos sobre a memória e os modelos cognitivos globais, por exemplo.

Segundo os estudiosos, a compreensão de um texto não depende somente do domínio dos componentes lingüísticos, pragmáticos e textuais propriamente ditos, mas também do nosso conhecimento de mundo. Como processo gestáltico, a competência de leitura depende também de nossa capacidade de preencher lacunas, espaços vazios do texto, projetando sobre esses espaços os conhecimentos ou experiências extralingüísticas que possamos ter.

Evidentemente, esses conhecimentos são partilhados mutuamente, o que significa que o emissor, ao produzir o discurso, supõe que o receptor será capaz de estabelecer relações não explícitas entre dois elementos desse mesmo texto ou discurso. É o que entendemos por inferência. Desta

forma, palavras, frases e proposições podem ter diferentes tipos de significado implícito, ou seja, informações que devem ser inferidas pelo leitor com base nos seus conhecimentos prévios, tão necessários à compreensão da coerência local de uma seqüência de frases ou do texto como um todo. Em outras palavras, essa relação de verdade, que se estabelece entre os diversos fragmentos que compõem um texto, contém, de forma implícita, informações partilhadas e cognitivamente representadas pelos utentes da língua, como “frames”, “scripts”, planos e esquemas.

Entre essas relações de verdade, o *acarretamento* é um tipo de implicação semântica que ocorre sempre que uma frase A é dita para provocar outra frase B, quando a verdade da primeira frase garante a verdade da segunda e a falsidade da segunda garante a falsidade da primeira, como nos exemplos:

*O carro é vermelho pressupõe O carro tem uma cor.
 A agulha é muito curta acarreta A agulha não é suficientemente comprida.*

A *pressuposição semântica* é outro tipo de relação de verdade que ocorre quando a pressuposição B de uma frase A é acarretada pelas proposições A e não-A. Isso permite que nos exemplos a seguir, tanto a frase positiva quanto a negativa tenham a mesma pressuposição semântica de que há, presentemente, um rei da França.

*O presente rei da França é calvo.
 O presente rei da França não é calvo.*

A “*vaguidade*”, os *níveis de abstração* e os diversos graus de *completezude* são outras propriedades semânticas dos textos. A “*vaguidade*” é empregada sempre que for necessária a omissão de responsáveis por atos negativos, como no exemplo:

Polícia atacada com coquetéis Molotov após a morte de manifestante.

Neste exemplo, na voz passiva, muito usado em manchetes de jornais, fica clara a condição da polícia como vítima da violência, embora não se explicita quem assassinou o manifestante.

As descrições desses episódios pela imprensa podem ser feitos também através de altos ou baixos níveis de abstração, dependendo da perspectiva, das avaliações e, em especial, da relevância dada à informação. Similarmente, cada um desses níveis de descrição pode ser mais ou menos

completo, podendo alcançar altos níveis de completude, com a adição de detalhes aparentemente irrelevantes, embora possam ser importantes para sugerir avaliações negativas sobre pessoas ou grupos. No exemplo:

(Distúrbios de Tottenham). Foi durante a perseguição que a Senhora Jarret, que pesava cerca de 127 quilos, teve um colapso.

Nesse exemplo citado por van Dijk¹, o peso da Senhora Jarret poderia ser uma informação irrelevante se não sugerisse que a sua morte teria sido causada pela obesidade e não pela perseguição da polícia.

Como conclusão, diríamos que a análise desses inferenciamentos são extremamente relevantes para o estudo das ideologias subjacentes aos textos. Quando se trata de veicularmos informações atinentes a questões sociais ou controvertidas, muitas vezes deixamos de colocá-las explicitamente, veiculando-as de forma mais sutil através de pressuposições, implicações ou meras sugestões, deixando para o leitor a tarefa de preencher essas lacunas do texto.

¹ VAN DIJK, T. A. *Racism and the Press*. London: Routledge, 1991